

Corações sem um mínimo pouso à guerra: História e mito em duas narrativas de *Ave, palavra* (1970)

Hearts without a minimum of landing for war:
History and myth in two narratives from *Ave, palavra* (1970)

Everton Luís Teixeira¹

Resumo: Nos 80 anos do final da Segunda Guerra, este trabalho propõe um exame bibliográfico e comparatista acerca dos aspectos históricos e míticos enredados em duas narrativas de Guimarães Rosa, a saber: “A senhora dos segredos” e “O mau humor de Wotan”, ambas enfeixadas na coletânea póstuma do autor *Ave, palavra* (1970) que inscrevem, entre a ficcionalização e a realidade, as primeiras influências hitleristas e os combates orquestrados por este “Senhor da guerra” que levaram o mundo ao colapso no Século XX.

Palavras-chave: *Ave, palavra*. Segunda Guerra Mundial. Guimarães Rosa. Século XX.

Abstract: On the 80th anniversary of the end of the Second World War, this work proposes a bibliographical and comparative examination of the historical and mythical aspects entangled in two narra-

¹ Doutor em Letras (Área de Estudos Literários) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). É professor Adjunto IV da Universidade Federal do Pará onde é lotado na Faculdade de Letras do Campus Universitário de Bragança (CBRAG/UFPA). Atua como professor e pesquisador das Literaturas de Língua Portuguesa, coordenando o projeto “Repercussões ocidentais entre a literatura e a historiografia no século XX”.

CV: <http://lattes.cnpq.br/5956120424931508/>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8440-0583>.

Contato: evertonveredas@gmail.com

tives by Guimarães Rosa, namely: “A senhora dos segredos” and “O mau humor de Wotan”, both bundled together in the author’s posthumous collection *Ave, palavra* (1970) which inscribe, between fictionalization and reality, the first Hitle’s influences and the battles orchestrated by this “War Lord” that led the world to collapse in the 20th century.

Keywords: *Ave, palavra*. Second World War. Guimarães Rosa. 20th century.

INTRODUÇÃO

Nossa época é essencialmente trágica, então nos recusamos a encará-la tragicamente. O cataclisma já ocorreu e estamos entre as ruínas, começamos a erigir novos pequenos habitats e a nutrir novas pequenas esperanças. É um trabalho duro — não há mais um caminho suave para o futuro —, mas contornamos os obstáculos ou tropeçamos neles. Precisamos viver, não importa quantos céus desabaram (Lawrence, 2022, p. 15).

Nos primeiros dias do próximo mês de setembro de 2025, completar-se-ão oitenta anos do desfecho de um dos mais tristes episódios vivenciados pela humanidade em sua História que foi a Segunda Grande Guerra (1939-1945). No entanto, a mensagem que nos deveria ser transmitida dessas memórias de terror e de um absurdo fascínio pelos signos sombrios da violência e da barbárie parece não nos incitar a lutar contra as demonstrações recentes (e crescentes) de brutalidade, pois, para a maioria dos meros espectadores históricos, estes fatos se encontram muito distantes de suas existências cotidianas. Em outras palavras, como os signos e os sentimentos envolvidos nesses marcos históricos não comparecem na prática de nossas vidas, se configuraram em uma retórica gasta.

Em conferência realizada na Universidade de Zurique em 2019, o filósofo franco-argelino Jacques Rancière, ao tratar das bordas que ligam e apartam a realidade e a ficção na produção de João Guimarães Rosa (1908-1967), atesta que a ficção não deve ser tomada como elemento acessório da realidade, mas como porção intrínseca do fato real, como forma primeira “de racionalização da ação humana” (Rancière, 2021, p. 8), ao citar a compreensão de Aristóteles (384 a. C-322 a. C) acerca do gênero trágico.

Guimarães Rosa — em uma interpretação dos sujeitos e das ações em movimento na qual busca aproximar-se da existência factual — transformou, a seu modo, diversas das suas personagens em agentes, ou *dróntas* aristotélicos (cf. Aristóteles, 1992, p. 25). Em outras palavras, só para mencionar personagens rosianos inscritos em *Ave, palavra* (1970) como *Frau Heelst* e o casal Hans-Heubel e Márion Madsen tornam-se menos autores de suas trajetórias e travessias individuais do que protagonistas de uma invenção antiga reclamada pelos gregos que é o drama. Desta maneira, esse ficcionista mineiro alcança o que Rancière identificou como a elavação do indivíduo comum — tomado pelas correntes metodológicas da História social e da “Micro-história” italiana como o protagonista do século passado — “à dignidade da arte”, pois, como assevera o filósofo em sua aula de 12/03/2019:

Se a vida mais insignificante é digna de entrar na ficção, é na medida em que é capaz de se separar de si própria, de se ficcionalizar a si própria. A ficção moderna se baseia no direito de todas e de todos ficcionalizarem sua própria vida (Rancière, 2021, p. 16)

É aproximando de forma consciente os elementos históricos e os estéticos no interior de algumas composições enfeixadas na coletânea póstuma *Ave, palavra*, que Guimarães Rosa produziu uma espécie de história imediata, haja vista que amalgamou para si os papéis de autor, de personagem e de historiador dos acontecimentos que descreveu em “cronicontos” como “O mau humor de Wotan” e “A senhora dos segredos” — publicados originalmente no *Correio da Manhã* em 1948 e 1952, respectivamente, — os quais se voltaram para a realidade alemã entre o fim dos anos de 1930 e a primeira metade de 1940, concretizando em sua escrita uma aproximação dos anseios de muitos historiadores, o de tratar do passado para eles demasiadamente próximo, e, portanto, de difícil compreensão como foi a história do Velho Continente na primeira metade do século XX, época em que projetos e sonhos de jovens intelectuais ainda em formação e/ou personagens reais ou não foram adiados ou completamente destruídos por ocasião do período que abrangeu três décadas.

Inegavelmente conhecido pela elaboração estética dos territórios ao norte do estado mineiro; vislumbrados em suas mais volumosas e profundas obras em 1956, a saber: *Corpo de baile e Grande sertão: veredas*; Guimarães Rosa rompeu com a exclusividade desta ambientação ficcional em produções que aparecem enfeixadas em sua miscelânea *Ave, palavra* na qual pode-se observar em narrativas híbridas a presença de elementos da história, e da mitologia, além da mescla dos gêneros literários tais como o conto e a crônica (daí a denominação anterior de “cronicontos”). Nas páginas de “A senhora dos segredos” e de “O mau humor de Wotan”, o autor, ou antecipa o destino alemão pré-Segunda Grande Guerra ou descreve os lúgubres mo-

mentos que aterrorizaram o planeta entre o desfecho da década de 1930 até o final da primeira metade dos anos de 1940. Nessas narrativas, observa-se a intuição rosiana de misturar a ficção e a realidade do século XX ao redigir escritos que buscam retirar o leitor — figura mais importante da Estética da Recepção jaussiana — de seu cômodo e esperado horizonte de expectativas.

Para dar conta dessas observações é que o presente trabalho erigiu-se de uma pesquisa bibliográfica com base no referencial teórico da Literatura Comparada que, a título de exemplo, trouxe para a agenda dos debates acadêmicos o conceito de interdisciplinaridade desenvolvido no crepúsculo dos anos de 1960 e que, até os dias atuais, vem se fazendo a ponte por onde a metodologia comparatista pôde transitar em diálogos com áreas distintas, tais como a História, desfazendo (em parte) a separação secular entre a arte e a ciência em setores culturais distintos e não intercambiáveis.

OS INFLUXOS OMINOSOS DA GUERRA

A grande noite que toldou o século XX dissolveu as vidas de personagens “fictícias” do universo rosiano como Hans e Marion Helmut-Heubel (amigos do autor de *Sagarana*) e *Frau* Heelst, a brava cartomante de Hitler (1889-1945), inserida na narrativa de “A senhora dos segredos”. Esta última, a propósito, depositou suas derradeiras esperanças e augúrios no *doublé* de cônsul e escritor e em um país sobre o qual nada conhecia. Enganara-se em pelo menos uma de suas desesperadas expectativas, o manto negro da violência já cobria o Brasil na década de 1930 por uma revolução na mais

desenvolvida metrópole do país, mas há mais tempo em suas regiões remotas — e, historicamente como é observado nas demais periferias das sociedades de mercado, negligenciadas pelo poder do Estado e pelos grupos economicamente defendidos por esse sistema.

O enredo de “A senhora dos segredos” passa-se em dois momentos distintos. O primeiro, em maio de 1938 e o segundo já na proximidade da Segunda Grande Guerra, isto é, na segunda quinzena de agosto de 1939. Nesta narrativa somos levados de automóvel pelo cônsul Guimarães Rosa e sua então namorada Aracy Moebius de Carvalho (1908-2011), até o distrito de Volkstorf, a nordeste de Hamburgo devido a uma ocasião banal — como convém ao início de uma crônica propriamente dita —, levar três moças naturais de regiões ocupadas pelo regime nazista para consultar uma astróloga respeitada, *Frau Heelst*, a “senhora” do título, afamada por ser “horoscopista de Hitler” (Rosa, 1970, p. 210), então senhor da Alemanha.

Por mais exdrúxula que possa parecer, tal fama atribuída à personagem não deve ser vista como ridícula, uma vez que o próprio *Führer* escolheu historicamente para raízes da doutrina nazista o seu excessivo ocultismo e uma inventada tradição ancestral, o qual para deitar sobre si a imagem de um eleito, amalgamava postulados esotéricos, lendas medievais como *O Santo Graal*, a música de Wagner (1813-1883) e a mitologia nórdica — elemento lembrado por Guimarães Rosa, ao identificá-lo com o irascível deus Wotan em outra composição de *Ave, palavra*. Toda essa “ideologia” sem fundamento teórico ou histórico muito bem divulgada pelo talento de seu Ministro da Propaganda Paul Joseph Goebbels (1897-1945), que é mencionado nesta narrativa em uma das pouquíssimas concessões

abertas pelo narrador à cronologia, em sua tentativa de manipular, pela informação e convencimento, as massas populares da Alemanha contra a Polônia por meio de uma acusação improvável de que em maio de 1938 esta nação estaria promovendo barbaridades contra os cidadãos germânicos na cidade de Danzig.

Apesar da ambientação do assunto ser o esoterismo, não obstante, o verdadeiro alvo da crítica rosiana ao *establishment* alemão recai sobre a tese de “pureza ariana” tão cara aos nacionais-socialistas que enxergavam na miscigenação uma decadência histórica dos povos e que, para a grandeza da nação alemã deveria ser evitada e extirpada, haja vista a necessidade do uso da mentira acerca da real naturalidade daquela tríade de visitantes tão singulares formada por Lene Speierova, Ulrike Wah e Grétel Amklee, o que atrapalhou significativamente o exercício sério da astróloga (“Em concentração de matemático e não de vidente”), a qual, para surpresa do narrador, não fazia uso do expediente cabalístico tão comum nos rituais e roteiros previamente ensaiados, clichês esses usados em demasia pelos possíveis charlatões.

— Assim, minha filha, as indicações que me deu devem ter sido de algum modo inexatas. Nasceu mesmo às 6 da manhã, e em 1915?

Rápida, foi Ulrike Wah quem apontou o erro: Grétel não era de Erfurt, como desatentamente dissera, mas nascida em Dar-as-Salaam, na África Oriental, de onde teria vindo menina (Rosa, 1970, p. 211).

Tal comportamento dessas jovens sedentas por encontrar o amor conjugal não pareceu incomodar Rosa e as demais participantes deste encontro, no entanto entre duas destas moças, Lene (sudeta) e

Ulrike (da região dos Balcãs), havia se desenhado um sentimento de “antipatia limpa, quase de tribo a tribo, inevitável, e que agora parecia afiar-se em pequenino ódio, dos mais hostis” (Rosa, 1970, p. 211) espelhando a crescente atmosfera beligerante que pairava no final de 1930 entre as regiões e as diversas etnias.

Contrariando simultaneamente a cegueira de uma parcela dos críticos que o viam como alienado em relação aos problemas sociais em suas páginas e a debilidade dos Aliados como a Inglaterra, a qual acreditou até o último instante nas intenções hitleristas de manter a paz conforme cada reivindicação territorial e militar sua fosse plenamente atendida, Guimarães Rosa, confiando na seriedade de *Frau Heelst*, procura a astróloga uma segunda vez para sugerir que ela investigue o destino no intuito de descobrir o que de macabro este reservava para o futuro do III *Reich* e para o restante do mundo.

Não obstante, ainda não era a hora do deus da balança revelar tudo o que sabia e escondia e assim, como o restante do povo alemão, o terceiro olho da horoscopista estava temporariamente fechado. A brava *Frau Heelst* — talvez mais inclinada aos encantos de Afrodite, cujas filhas formavam a sua carteira de clientes, — ignorava a pujança de Marte que até aquele momento nada lhe trazia financeiramente.

Uma tentativa de explicação da cegueira temporária dessa sacerdotisa judia pode ser fornecida pelo exame dos fatos externos ao metafísico, esse tão mais próximo do cotidiano da personagem do que a realidade factual. A perplexidade que ocasionou na demora de ação por parte dos perseguidos pelo nazi-fascismo, principalmente os sionistas, em tomar as devidas providências — as quais representariam a diferença entre a sobrevivência ou, como ficou

comprovado, a derrocada até o fundo do poço da barbárie — deve-se historicamente a surpresa destes ao se descobrirem, depois de anos de sua emancipação, como indivíduos, que, apesar de germânicos, nunca pertenceram àquela sociedade de fato e da qual acreditaram, com a força de seus corações, que faziam parte e, portanto, se encontravam devidamente integrados.

Dessa forma, o erro de *Frau Heelst* não consiste em sua catastrófica previsão, expediente, até certo ponto efetivo para atingir os escopos individuais, como o amor, e coletivos, mas inúteis para antever as mudanças sócio-políticas mas na lógica e no método escolhidos pela cartomante judia como a leitura inexata dos astros em um céu nublado como estava o da nação alemã em 1939 para quaisquer tipos de interpretação, seja essa astrológica ou realizada por profissionais da historiografia.

Em relação aos domínios de Clio, comumente e em situações sazonais, “os seres humanos tendem a recorrer às previsões históricas para conhecerem aquilo que lhes permitirá alterar o futuro” (Hobsbawm, 1998, p. 52) com base em um histórico de experiências semelhantes decorridas com certa periodicidade. Todavia, em episódios *sui generis* como a era das catástrofes, todos os profissionais que se utilizam dessa ocupação oracular fracassam. O mal supremo não se permite facilmente reconhecer.

A CATÁSTROFE FINAL DOS RAIVADOS DEVASTADORES

Diferente do material histórico apresentado na narrativa examinada anteriormente, em “O mau humor de Wotan”, Guimarães Rosa desloca seu foco das vítimas mais velhas para pessoas mais

novas, o jovem e apaixonado casal Hans e Márion Heubel contemporâneas daqueles indivíduos *baby boomers*, filhos da transitoriedade entre dois períodos de intenso conflito nos territórios europeus e herdeiros na Alemanha mais ligados ao revanchismo advindo das ideologias radicais do que do patrimônio iluminista e civilizatório do século XIX e da *Gilded Age* dos primeiros anos pós-Primeira Guerra Mundial.

Em meio à crise econômica e ao sentimento de extrema humilhação trazido pela derrota alemã na Primeira Grande Guerra (1914-1918), grande parte da população, como os integrantes da classe média e os militares ressentidos, já estava disposta a aceitar as ideias de Hitler ou de qualquer outro líder populista de igual calibre. Adolf Hitler foi, inegavelmente, um ditador carismático e personagem histórico fascinante que desfrutou de enorme popularidade entre as camadas populares germânicas, pelo menos até a fatídica batalha de Stalingrado, no inverno demasiadamente intenso de 1942.

Pode-se dizer que assim como os jagunços de *Grande sertão: veredas*, os soldados germânicos haviam encontrado o seu inexpugnável Liso do Sussuarão o qual diferente do encontrado no *hinterland* brasileiro, feito de neve, gelo e temperaturas insuportáveis de - 40º. Lutando contra a natureza desconhecida e adversa das gélidas planícies russas, as tropas nazistas acostumadas aos ataques rápidos, romperam o *métro*n que lhes era permitido, encontrando a sua derrota antes de alcançar o seu alvo. É também nesta paisagem, a roda de 1943, que fenece Hans-Helmut entre os territórios mal delimitados da Rússia e da Bielorrússia e com ele o sonho do *Führer* de criar um império germânico em território

soviético, alargando com essa quimera a sua ganância pelo leste europeu e por sua necessidade por espaço vital para o desenvolvimento da raça ariana.

Nesta narrativa, cujo título se refere ao responsável por conduzir o povo alemão e o mundo ao aniquilamento, Adolf Hitler assume uma das faces mais odiáveis do “Senhor da Guerra”, o do indomável. A metáfora para o *Führer* torna-se deveras apropriada haja vista que a semelhança do autocrata austríaco ao desejo tantálico de Odin pelo combate e por conquistas incessantes que o ligam simbolicamente a outro mito europeu, o arquétipo de Fausto, o qual aparece intrinsecamente ligado à literatura alemã que reinterpreto diversas vezes e em várias épocas esse mito como a buscar uma compreensão do fascínio pelo poder que leva o indivíduo, para o alcançar, fazer alianças com as forças maléficas. De Goethe (1749-1832) a Thomas Mann (1875-1955) — e para a compreensão do século passado mais o autor de *Morte em Veneza* (1912) — a temática da busca pelo poder absoluto em troca de períodos de violência extrema em que se apagam as possibilidades de amor e de mansidão.

Ao comparar o irascível “Senhor da Alemanha” no século XX ao deus da violência cega Odin, Guimarães Rosa consegue estética e historicamente ser imensamente feliz, uma vez que ambas as figuras, factual e mitológica, em suas trajetórias só conseguem deixar abertas as trilhas da destruição de suas obras. São, portanto, ineficazes seu culto e a valorização de suas forças pelos seus devotos seguidores em nome de vitórias e de conquistas. A “inexorável lei da destruição” (Chevalier *et al*, 2001, p. 965) de que também os atinge, dissolvendo seus palácios de ambição.

Guimarães Rosa no início dessa composição apresenta uma Alemanha ainda primaveril em 1938 que — as vésperas dos grandes acontecimentos que eclodiriam, em menos de um ano, na maior catástrofe humana na história documentada — ainda apresenta aspectos românticos e elitistas em arte na presença explícita de nomes como os de Wagner e de Strauss (1864-1949), compositores responsáveis por traduzir a alma germânica. Ao mencionar esses artistas e ambientar o começo da presente narrativa em uma paisagem bucólica, o ficcionista desfaz a imagem que se consolidou no decurso do século XX sobre este país e seu povo, a de uma nação obcecada pela intolerância, pela xenofobia e a destruição dos valores humanistas herdados do século XIX.

Tanto Hans-Helmut, quanto a sua esposa Márion encontram-se demasiadamente deslocados dos novos ideais que imperam na Alemanha, não compartilhando em seu interior de sujeitos pacatos e nada afeitos às atitudes beligerantes do *status quo* atual em seu país propagandeadas por Goebbels, “o sinistro e astuto, que induzia a Alemanha, de fora a fundo, com a mesma inteligência miasmática, solta, inumana, com que Logge, o deus do fogo, instigava os senhores do Walhalla, no prólogo dos Nibelungen” (Rosa, 1970, p. 7). A pujança de Goebbels faz-se semelhante a do deus afeito à maldade em seus talentos para promover intrigas e mentiras no prólogo *O anel dos Nibelungos*. Essa conduta humanamente reprovável, no entanto também borrou as fronteiras territoriais espraiando-se por todo o globo, transformando os primeiros cinquenta anos do século XX em um período de guerra a ser travada em um grande espaço aberto pelo Velho Continente dentro da qual, episódios locais foram ampliados.

Ainda como na estrutura de *O anel dos Nibelungos* — composição wagneriana em quatro atos preferida por Hitler e referência constante nesse “croniconto” — o confronto do amor e da liberdade contra o poder nazista aparece encenado pelo casal Hans e Márion enquanto os grandes acontecimentos da Segunda Guerra vão sendo delineados pela pena espúria de Hitler e pela influência de seus planos que levam gerações para superar as próprias limitações sob a condução tirânica do ditador que, como Wotan na obra de Wagner, comandaria o povo em uma batalha escatológica nos confins da Crimeia.

No mesmo tempo em que transcorre a escalada do cosmopolitismo do terror — com a rendição da Noruega e da França — Hitler, no período denominado de falsa guerra, paira odiosamente sobre as vontades do mundo e dos destinos humanos, acastelado no extremo dos Alpes bávaros, agora como uma fusão entre o próprio deus nórdico Wotan que habitava o alto Asgard de onde observava em posição elevada a humanidade que comandava e o Messias bélico para seus soldados e para o povo de língua alemã.

Guiados pelos traiçoeiros fios das Nornas, o casal Heubel começa a ter a sua existência de beleza uma vez mais invadida, agora de forma mais enfática pelos conflitos crescentes em 1940. Uma vez mais o destino esconde para si tudo o que sabe, fazendo a inocente Márion conhecer Annelise — personagem que, na leitura em retrospecto do narrador, será a responsável indireta por lançar esses cônjuges no epicentro da violência e da maior manifestação de brutalidade do século XX.

CONCLUSÃO

Na proximidade dos oitenta anos do desfecho da Segunda Grande Guerra, este trabalho lançou um exame comparatista entre os fios da História contemporânea e os da estética literária acerca de duas narrativas de Guimarães Rosa que ainda não receberam devida atenção por parte de sua gigantesca recepção crítica, são essas “A senhora dos segredos” e “O mau humor de Wotan”, ambas enfeixadas na obra *Ave, palavra*.

Esquecida a lição recebida no século XX, deixamos que as catástrofes humanas permaneçam adormecidas nos domínios subterrâneos de nossa memória, quando devíamos na verdade evitar que isso acontecesse. Nesses intervalos infelizes de esquecimento são justamente os espaços de hibernação, lugares onde o mal não dorme, ao contrário, revela as suas “influências destrutivas prontas a levantar-se dos esgotos e dos porões que atormentam a imaginação literária” (Steiner, 1991, p. 35), que, tornadas realidade, têm a força de perverter a ordem e trazer à superfície o inferno.

Sob um ponto todas as produções historiográficas voltadas para o século XX convergem, a ideia de que Hitler foi o grande e inquestionável culpado pela eclosão dos conflitos deflagrados entre os anos de 1930 e 1940. Além disso, a importância dessa personagem histórica é relevante para o entendimento do papel social do historiador entre nós, o qual deve estar atento para, sempre que for necessário, dismantelar mitologias e tradições inventadas pelo anseio de conquista e poder dos governantes ao redor do globo e do percurso histórico das civilizações.

Enquanto para a palavra literária de Guimarães Rosa a mitologia nórdica adotada por Hitler é utilizada como símbolo da ganância e da maldade inexplicável desse líder, no âmbito historiográfico essa demanda do *Führer* por uma ancestralidade guerreira para o povo germânico é, na verdade, uma forma de caracterizar a política desse chanceler cuja mão pesada caiu sobre os territórios estrangeiros, legitimando a falácia do direito alemão sobre a Europa. Ter um passado, como ensina Hobsbawm (1917-2012) em *Sobre história* (1998), fornece “um passado de fundo mais glorioso a um presente que não tem muito que comemorar” (Hobsbawm, 1998, p. 17) tal como o vivenciado pelo povo alemão nos primeiros decênios do século passado. Por isso foi, de certa forma, fácil, para Hitler trazer a nação germânica para o lado de seus espúrios ideais de grandeza e promessas de futuro. Assim, esse líder supremo lança mão em seu projeto de dominação territorial de mitos e tradições inventadas fraudando a história factual e colocando no lugar dessa outra “realidade” mais de acordo com os interesses de quem está à frente do Estado ou das políticas nacionalistas. Uma vez que “[m]ito e invenção são essenciais à política de identidade pela qual grupos de pessoas, ao se definirem [...] por etnia, religião ou fronteiras nacionais passado ou presentes, tentam encontrar alguma certeza em um mundo incerto e instável (Hobsbawm, 1998, p. 19).

Igualmente, nos “cronicontos” alemães rosianos, o amálgama de gêneros literários presente em seus enredos deve ser lido menos como uma desobediência propositada do que um espelhamento do movimento histórico que se instaurou no mundo a partir dos primeiros sinais da eclosão da Segunda Guerra Mundial, o qual levou

a humanidade ao embaralhamento de valores, sem saber, ao certo, por quais optar em sua travessia pela sobrevivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Sousa. São Paulo: Ars Poética. 1992.
- CHEVALIER, Jean (*et al*). **Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Trad. Vera da Costa e Silva *et al*. 16. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2001.
- HOBSBAWM, Eric John. **Sobre história**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LAWRENCE, David Herbert. **O amante de Lady Chatterley**. Trad. Isadora Prospero. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022.
- RANCIÈRE, Jacques. **João Guimarães Rosa: a ficção à beira do nada**. Trad. Inês Oseki-Depré. Belo Horizonte: Relicário, 2021.
- ROSA, João Guimarães. **Ave, palavra**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.
- STEINER, George. **No castelo do Barba Azul: Algumas notas para a redefinição da cultura**. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.